

ESTUDOS LITERÁRIOS, LEITURA E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: CONEXÕES E(M) TEMPOS DE CONFINAMENTO

LITERARY STUDIES, READING AND EXPERIENCE: CONNECTIONS IN QUARANTINE TIMES

Maria Cristina Cardoso Ribas¹

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), São Gonçalo, RJ, Brasil
marycrisribas@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-2289-4004>

Recebido em 31 mar. 2020

Aceito em 13 abr. 2020

Resumo: Este trabalho pretende, a partir do diálogo com o filósofo coreano Byung-Chul Han (2017) acerca da questão imunológica em seu livro *Sociedade do Cansaço*, analisar alguns pensares e práticas discursivas circunscritas ao par contágio/contacto e concernentes à pandemia de Covid-19 (Corona Vírus) que assola o mundo no século 21, em uma perspectiva literária. Desenvolvendo o diálogo da Filosofia (HAN, 2017; ZIZEK, 2003; BAUDRILLARD, 2001) com a Literatura, a abordagem pretende realçar a presença e a contribuição das Ciências Humanas no entendimento dos eventos que atravessam a sociedade contemporânea em dimensão planetária através de dois eixos que se bifurcam: (1) defender a Literatura e as Humanidades como ciência, área e campo do saber aptos a discutir e analisar as questões humanas e sociais; e (2) construir, com o leitor, uma nova experiência estética de leitura (GUMBRECHT, 2010) em tempos de quarentena. Para isso, serão trazidos alguns exemplos de Guimarães Rosa, Machado de Assis, Frans Kafka e José Saramago, em conexão implícita com algumas chaves contrastantes da argumentação desenvolvida pelo filósofo coreano. Importante ressaltar que o caminho percorrido neste artigo representa um convite ao acompanhamento do leitor no 'traço-a-traço' da escritura, de maneira que a experiência enunciada seja ao mesmo tempo vivida e compartilhada no processo de leitura.

Palavras-chave: Literatura. Experiência estética. Byung-Chul Han. Processo imunológico. Quarentena e Covid-19.

Abstract: Based on the dialogue with the Korean philosopher Byung-Chul Han (2017) about the immunological matter in his book *The Burnout Society*, this work aims to analyze some thought patterns and discursive practices limited to the contagion/contact duet concerning the pandemic of Covid-19 (Coronavirus) that plagues the world in the 21st century, in a literary perspective. Developing the dialogue between Philosophy (HAN, 2017; ZIZEK, 2003; BAUDRILLARD, 2001) with Literature, the approach intends to highlight the presence and contribution of the Humanities in understanding the events that cross our contemporary society on a planetary scale through two axes: (1) by defending Literature and Human Sciences as sciences, areas and fields of knowledge able to discuss and analyze human and social issues; and (2) by creating, with the reader, a new aesthetic reading experience (GUMBRECHT, 2010) in quarantine times. For that, some examples of Guimarães Rosa, Machado de Assis, Franz Kafka and José Saramago will be shown, in an implicit connection with some contrasting keys of the argumentation developed by the Korean philosopher. It is important to highlight that the path taken in this article represents an invitation to share the theme with the reader step by step of the written work, so that the experience suggested by the title could be, at the same time, lived and shared in the reading process.

Keywords: Literature. Aesthetic experience. Byung-Chul Han. Immune process. Quarantine and Covid-19.

A vida moderna é um mar de imagens. Nossos olhos são inundados por figuras reluzentes e blocos de textos explodindo sobre nós por todos os lados. O cérebro, superestimulado, deve se adaptar rapidamente para conseguir processar esse rodopiante bombardeio de dados desconexos. [...]. Como sobreviver nesta era da vertigem? Precisamos reaprender a ver.

(PAGLIA, 2014, p. vii)

INTRODUÇÃO

Há apenas três anos, em seu livro *Sociedade do cansaço*, Byung-Chul Han (HAN, 2017, p. 7) abre as primeiras páginas dizendo que cada época tem suas enfermidades fundamentais e que a bactéria não teria mais lugar com a descoberta dos antibióticos. Nesta reflexão de abertura sobre o século XXI, anuncia: “Apesar do medo imenso que temos hoje de uma pandemia gripal, *não vivemos numa época viral.*” (grifos nossos).

A época dos vírus, segundo o professor e filósofo coreano, teria ficado para trás “graças à técnica imunológica” (HAN, 2017, p. 7). O desenho da paisagem patológica no começo do século XXI, portanto, seria traçado por questões não de ordem bacteriológica ou viral, mas neuronal – ordem em que entrariam as conhecidas depressão, síndromes de hiperatividades, transtorno de personalidade, *Burnoute* desdobramentos – conforme vimos constatando na experiência diária como pesquisadora e professora.

Ao trazer, hoje, em março de 2020, a introdução do livro de Handentro da abertura deste artigo escrito durante inacreditável pandemia de Covid-19, às portas da segunda década do século XXI, venho compartilhar minha inquietação. Temos aqui um grande livro de um filósofo e professor coreano dentro deste artigo de uma pesquisadora e professora brasileira impactada com a pandemia ameaçando trilhões de pessoas dentro de um mundo cada vez mais interconectado.

Para aplacar o desespero e fazer jus a este periódico, é mais que urgente colocar os (nossos) pensares em tão esmerada revista – no duplo sentido que a palavra permite.

Da citada introdução de Byung-Chul Han, não venho apontar o que à primeira vista soa como contradição – quando ele anuncia, em 2017, que a época viral ficou

para trás e quando hoje, em 2020, nossa experiência compartilhada nos continentes é estarmos em quarentena, açotados por grave pandemia viral no planeta.

Embora a descrição do que estamos vivendo pareça narrativa de ficção científica, na verdade estamos falando de uma experiência presente para a qual o mundo não estava preparado. Ressalto que não partilho da simplória pretensão de marcar algum equívoco de leitura no trabalho de Han e por isso os convido a exercitar a saudável ruminância (no estômago e no cérebro) que o ler exige. Mesmo porque, se formos além da constatação imediata, se alongarmos o tempo entre a descoberta e a reação e passarmos pela experiência compartilhada da leitura em filtros mais sutis, perceberemos que não há antítese na reflexão do filósofo coreano em relação ao que estamos vivendo de maneira surpreendente e radical, na abertura do ano 2020. A essa altura cada leitor pode se perguntar: como não? É uma pergunta valiosa que provavelmente se estende a outra de ordem temática: o que esta breve introdução tem a ver com o estudo das Letras? Onde entram Literatura, experiência estética, ensino? Por que falar de uma ordem biológica?

Temos, então, logo de início, duas indagações previstas... que não terão respostas imediatas porque as construiremos junt@s. Nas próximas seções, procuraremos pensar por que a contradição rapidamente inferida no introito do livro de Han pode se tornar, como em geral ocorre com as leituras imediatas, a sombra de uma armadilha...que, por sua vez, pode ser traduzida como confirmação de expectativas prévias, projeção de desejo, cortina de fumaça sem fogo.

Mantendo viva a dupla suspeição inferida, adiantamos que nossa proposta é compartilhar uma experiência de leitura e(m) conexões do momento histórico-social que estamos vivendo, na perspectiva das Humanidades. Na 'sofrência' da escritura, a situação de pandemia e isolamento social atravessou nosso texto com incontrolável virulência. Muito difícil lidar: foram momentos de paralisia criativa, travamento da escrita, agonia puerperal. Entre viver e escrever, silenciar e traduzir, escolhemos a defesa da Humanidade, a vitalidade de sua condição imunológica em tempos de vírus e quarentena. Não nos cabe estudara pandemia, mas a sua dimensão simbólica, os efeitos produzidos e alguns paradigmas que orientam nossas práticas ledoras ante uma situação global inusitada. Para isso, ofereço a experiência de uma leitura 'acolchoada', para que o passo a passo, melhor dizendo, traço a traço, possamos desenvolvê-la, juntos, nós e cada eventual leitor. Uma

leitura experiencial que esperamos seja suave e até acolhedora, mesmo em seus momentos de dureza. Estamos, pois, doravante, juntos. Olho, tela, palavra e mão.

Nossa abordagem comporá com o seu e com outros olhares, o esforço de discutir algumas questões em geral sob responsabilidade de outras áreas que não a das Letras. Venho lutando, nos meus trabalhos, para que fique demonstrada a contribuição da leitura de literatura para radiografar a formulação dos paradigmas que alicerçam e configuram nossos pensares e práticas. Ler é também abrir mão das certezas, e observar como são tramadas as textualidades, como são produzidos os efeitos de sentido, ideologicamente atravessados. Temos constatado quanto a imersão no arsenal literário nos habilita, em sendo crítico e poético, tocar a sensibilidade intelectual dos sujeitos, mapear as múltiplas conexões e colocar na mesa os jogos discursivos em circulação.

O mais irônico nesse respiro textual em que me ar-risco é apresentar como novo o que em princípio seria óbvio: que as Humanidades pudessem falar livremente do humano... e serem ouvidas como ciência do ser.

Nessa cadeia de obviedades ignoradas, como existiriam os vários campos do saber sem que houvesse leitura, escrita, interpretação, questionamento, crítica, articulações, análise, expressão, questionamento, dúvida, em dimensão verbal, oral ou imagética? Como haveria ciência sem linguagem? Como haveria linguagem sem silêncio? Como teorizar sobre o humano sem o lastro das Humanidades? Trabalhar com discursos, desentranhar pontos de vista, ler os vazios, compreender a força afirmativa das negações, desentranhar pressupostos, mapear inferências, compreender a picturalidade das imagens inscritas no texto em seus vários graus de saturação (LOUVEL, 2012), perceber as repetições não como erro mas como possíveis expressões de um desejo, transitar na superfície do texto, vestir, despir, rasgar, suturar, tingir este tecido sutil, errar, duvidar, entender que onde o conceito não alcança a experiência redime... como seria possível fora das ciências humanas? Pois bem: compartilhar generosamente todo este valioso conjunto configura o nosso imensurável trabalho no campo das Letras. Em nosso estudo voltamo-nos, hoje, à Literatura enquanto produção de presença (GUMBRECHDT, 2010) e como experiência (BENJAMIN, 1994) em múltiplas conexões intermediáticas (DINIZ, 2012; CLÜVER, 2006) e transculturais, embora não pretendamos abordar, neste artigo, os processos de hibridização que consolidam outra frente da nossa pesquisa na UERJ.

Com esta breve descrição em defesa das Humanidades, esperamos ter esclarecido, ao menos parcialmente, a segunda questão inferida sobre o nexos da Literatura com as questões do mundo geralmente desenvolvidas pelas áreas da biologia e da saúde. O tempo todo estaremos falando da leitura, da escritura, das palavras em sua potência significativa, dos nexos entre as palavras e as coisas, dos efeitos benéficos e nefastos da produção de sentidos, dos sistemas de representação com que construímos nosso mundo, do corpo, das materialidades da comunicação, do contato, dos sujeitos interconectados enfim, de nosso *modus operandi* e *modus vivendi*. Com uma absoluta singularidade, porém: o fato de, na abertura da segunda década do século 21, nós – toda a parte humana dos continentes, ilhas, países, cidades, bairros, aldeias, casas, ruas do planeta – estarmos vivendo (inacreditável?) Pandemia viral.

2 ASSIM É, ASSIM LHES PARECE OU A CONTRADIÇÃO APARENTE

A lamúria do indivíduo depressivo de que nada é possível só se torna possível numa sociedade que crê que nada é impossível. (HAN, 2017, p. 29)

Conforme prometemos, vamos juntos desenvolver, nesta seção, a primeira questão, ou seja, por que a contradição na fala de Byung-Chul Han sobre não estarmos mais em época viral (quando vivemos em pleno COVID-19) nos soa aparente – como afirmação que não é fim em si mesma, mas meio para chegar a.

Voltemo-nos, pois, aos pressupostos da questão, procedimento que implica trazer à tona alguns enquadres habituais (em) que (se) estruturam nossos pensares. Queremos dizer que a contradição é ilusória e, como tal, ‘armadilhesca’. Pensemos, pois.

Em primeiro lugar, urge transpor a fenda dita incomensurável (ULM, 2013) entre pontos transitáveis. Começemos por representação, tempo e discurso; ou seja, passado/futuro, relato/experiência, palavra/imagem. E apesar da propalada “fenda incomensurável entre as palavras e as imagens, que há algo entre elas que não se deixa medir” [...] “A desmesura dos tempos, que faz com que as palavras emudeçam; que faz com que as imagens se apaguem” (ULM, 2013, p. 101)... mesmo assim insistimos em estudar a complexa legibilidade das imagens, sejam as

inscritas e/ou construídas no texto literário, sejam as que se oferecem aos nossos olhos nas outras mídias e artes e clamam pelo que chamamos uma experiência sinestésica de leitura.

Para suplementar este debate, compartilho mais algumas provocações com pontos de vista diferenciados – crítico, artístico e filosófico -, mas convergentes ao sinalizar um modo específico de lidar com a imagem e os operadores visuais. Vejamos: nos livros em parceria com Heidrun Krieger (2016) e em *Além do visível: o olhar da Literatura*, Karl Erik Schollhammer (2007, p. 7) pergunta e ao mesmo tempo responde: “Como ler literatura hoje sem levar em conta o predomínio da cultura da imagem? Não é mais possível ler contos ou romances sem considerar a interferência que têm sobre a leitura dos textos as adaptações de suas histórias para os meios audiovisuais”. Valendo a reciprocidade, indagamos como analisar a cultura da imagem sem considerar os dispositivos de leitura em presença do texto literário. Nas palavras da artista plástica Fayga Ostrower (1988, p. 167), a percepção, enquanto olhar-avaliar-compreender, é partícipe das experiências artísticas. E, conforme Marilena Chauí (1988, p. 45), “Uma profunda mutação corre quando passamos da experiência de ver – do olhar – à explicação racional dessa experiência – ao pensamento de ver -, quando passamos da percepção ao juízo.”

Não seria o caso de alongarmos este espaço entre a experiência e o juízo para que a sensibilidade intelectual, enfim, a percepção se ampliasse em relação ao ajuizamento? Este, digamos, estiramento espácio-temporal faz parte da nossa proposta metodológica na leitura para duas das modalidades intermediárias – referências e combinações – presentes e trançadas no texto literário em seu componente imagético (REICHMAN, 2006). Não há mais, portanto, como ignorar a urgência de transitar entre formulações lidas como inconciliáveis o que, por sua vez, sinaliza a demanda de revisitá-las sob novo olhar, no esforço de ‘pareá-las’.

Assim, dos pares de conceitos tradicionalmente tidos como oponentes sugerimos, por ora, sejam vistos como discursos em consórcio; mesmo que a fenda resista, a dinâmica de atravessá-la imprime vitalidade à leitura. Indicamos, como alternativa, substituir impossibilidade por impassibilidade, pois assim trocamos a atribuição fatal (ser impossível) por uma reação humana (estar impassível) que, como tal, é mutável. Em segundo lugar, é importante transitar por mais uma linha tênue: aquela que se insinua entre a constatação e o desejo, entre a conclusão

anunciada e a construção do paradigma sobre o qual ela repousa. Estamos falando de entrelaces, diluição de fronteiras conceituais e sensíveis que gravitam, entre o fogo e a fumaça, numa experiência não dicotômica da leitura. Antevendo sua pergunta – como romper o modelo dicotômico que estrutura o pensamento ocidental? – sugerimos substituir ruptura por desconstrução e revisitar a discussão de Derrida (1995) nos anos 60 do século 20. Sabemos que a dicotomia dos pares de oposição estrutura nossa episteme. Ora, diante da impossibilidade de rompê-los, quiçá desconstruí-los, a alternativa é lidar com as limitações do pensamento binário e reconhecer a clausura dos enquadres preestabelecidos. É uma estratégia para ir além. Na dinâmica da leitura, há vezes em que os pares de oposição que estruturam nosso pensar precisam ficar, como nós, agora, em quarentena. Se não, como lidaríamos, por exemplo, com a terceira margem do rio, que desliza da formulação binária? Tomemos uns trechos do conto de Guimarães Rosa:

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. (ROSA, 1994, p. 1)

Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio — pondo perpétuo. [...] sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse — se as coisas fossem outras. (p. 2)

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio. (p. 4)

A beleza da escritura rosiana clama por respiro...

E vêm as irrespondíveis perguntas. Que lugar é esse que não se vê e não se entende? Como passar a vida inteira na margem (do rio) esperando por alguém que não se sabe se volta? Como lidar com a dor do não saber onde está o ser amado? Como estar tão próximo e ao mesmo tempo enfrentar a agonia de não ver, não tocar aquele ser, o próprio pai, que seja? Como acreditar nas informações que não procedem, não explicam e se contradizem? Como suportar a culpa por um evento de que não se reconhece a participação explícita, nem se tem preparo para atravessar? Como entender o que escapa à nossa legibilidade? Qual a parte que nos cabe neste latifúndio? Como aceitar a morte? E a vida? Como atravessar as

águas de um rio de que não se vê a outra beira... que talvez seja um vale de lágrimas em que até uma certa Alice, certa vez, quase se afogou, perdida nas maravilhas de um país açoitado por eventos inconciliáveis?)

As perguntas entre parênteses talvez sejam vetores em tripla direção. Convergem para o conto enquanto divergem para o que passamos hoje, cenários superpostos na leitura. E ainda se voltam ao princípio que fundamenta a reflexão de Han, quando ele menciona ser a paisagem patológica no pórtico do século XXI não bacteriológica nem viral, mas sim neurológica – aquela que, como já mencionado, diz respeito a síndromes, depressão, estados de fragilidade emocional e psíquica.

Em cena, de novo Guimarães Rosa (século 20) e, logo depois, Machado (século 19):

Sem fazer véspera. Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos. (ROSA, 1994, p. 3)

(No trecho, vemos a sabedoria de Guimarães Rosa ao colocar em cheque o paradigma sobre o qual as palavras se erigem; especialmente em se tratando da ‘doideira’ como rótulo de exclusão do estranho, do outro; e logo, na mesma fala, conclui pela alternativa “Ou” que dilui as individualidades e engloba a todos. Isso dito por um narrador que passa a vida na margem... do rio, esperando pelo pai que não volta, numa partida, geográfica e orgânica, indizível.)

A loucura e a razão estão perfeitamente delimitadas. Sabe-se onde uma acaba e onde a outra começa. Por que transpor a cerca? (ASSIS, 1979, p. 253)

Tal ra o sistema. Imagina-se o resto. Cada beleza moral ou mental era atacada no ponto em que a perfeição parecia mais sólida: e o efeito era certo. Nem sempre era certo. [...] então o alienista atacava outra parte, aplicando à terapêutica o método da estratégia militar, que toma uma fortaleza por um ponto, se por outro o não pode conseguir. No fim de cinco meses e meio estava vazia a Casa Verde; todos curados! (p. 65)

(Aqui a célebre ironia machadiana apresenta uma visão caricaturesca do saber científico no século XIX, com todas as implicações da alma humanas e as reverberações sócio-políticas em circulação; com ar galhofeiro expõe mecanismos de poder sob o respaldo da ciência e assim justifica o direito da clausura na Casa Verde. Vale observar que a narrativa de dominação de *O Alienista* é, ainda, estruturada em descrições revolucionárias de liberdade, igualdade e fraternidade. Na

emulação da Revolução Francesa, alguns capítulos são nomeados: O terror, A rebelião, A restauração. E por fim aquele capítulo que descreve um grande estranhamento: “O Assombro” da cidade de Itaguaí, ao saber que os habitantes–loucos internados na Casa Verde – um dia iriam ser postos na rua. Fosse pela fragilidade do critério de loucura com que eram categorizados, fosse pela consideração esperada da cura, o certo era que todos viviam sob a insegurança da indefinição e o domínio de um doutor que, para incluir, alienava.)

Saindo da Casa Verde – com a prática d’O *Alienista* de estabelecer o grau de estranheza em tintas caricaturais -e voltando à dura prospecção do filósofo coreano, em lugar das infecções (bactéria/vírus) entrariam, então, os infartos, depressão e síndromes (nível neural), e alguns desequilíbrios emocionais e psíquicos.

Ora, se pela defesa, afasta-se ou elimina-se tudo o que é estranho, a reflexão encaminhada nos lembra que “o objeto da defesa imunológica é a estranheza como tal, mesmo que o estranho não tenha nenhuma intenção hostil, mesmo que ele não represente nenhum perigo” (HAN, 2017, p. 8-9); isso porque a eliminação se dá em função de sua alteridade. Ao se eliminar o estranho, perde-se a possibilidade de reconstruir o percurso, de refazer as relações. A estranheza é reação que desconstrói o previsível, desmonta a ilusão de domínio que temos sobre os esquemas previamente montados, frustra as expectativas, alia incômodo a desconcerto; e justamente por sinalizar estes efeitos de forte desconforto ou frustração, é entendida como maligna. Sabemos, entretanto, por mais indesejável que possa parecer, os incômodos decorrentes da estranheza são o motor que impulsiona novas rotas (de leitura), ao mesmo tempo que estimula novas conexões geográficas e neuronais. Paradoxalmente, em termos de defesa imunológica, qualquer elemento estranho – ainda que transplantado para eventual cura - aciona o alarme biológico para que seja banido do sistema. O estranho é enfaticamente identificado menos como benéfico e mais como prejudicial. Como se sabe, o corpo rejeita qualquer corpo identificado como estranho, ainda que para salvá-lo; e como ocorre nos transplantes, é preciso administrar medicamento ante rejeição.

Entendido desta forma, o dispositivo imunológico do século passado frente às infecções, assegurado como ataque e defesa, repousaria no paradigma da guerra, de base militar e, como tal, teria ultrapassado o campo biológico para o meio social,

traduzindo-se em discursos e práticas de exclusão a que Byung-Chul Han identifica à cegueira.

Ocorre, porém, mais um quiasmo na afirmação do filósofo. Quando ele sinaliza que a ocorrência das doenças de base neurológica superaria aquelas provocadas por bactérias e vírus, faz importante ressalva: o adoecimento não vem pela negativização do diverso, do estranho, mas sim pelo excesso de... positividade. É o oposto da nossa lógica habitual em que as coisas acabam pela falta.

Este é o ponto nodal da reflexão. Ora, a constelação epistêmica do século XXI saltaria fora do estranhamento a tudo que representasse alteridade; ou seja, o movimento não seria de rejeição, mas soma, inclusão, aceitação, movimento traduzido como diferença. Neste princípio a alteridade vê-se acolhida, positivada. Só que, para nossa surpresa, o excesso de positividade seria justamente o responsável pelo contágio e traria a doença.

Assim dita, esta conclusão soa como um desalento. Temos defendido as hibridizações como a potência da arte, como a saúde das sociedades. Como lidar com o dado de que a aceitação do diferente, o contato efetivo e sem rejeições do outro levaria ao adoecimento?

Para evitar outra generalização apressada na leitura, urge avançar na reflexão para atravessar as águas do texto, mesmo sem enxergar a outra margem. Pegando a filosófica ponderação de Rosa em relação à palavra doido e no esforço de detalhar a polêmica assertiva, sigamos a observar o sentido atribuído às expressões em jogo.

Voltemos, pois, à palavra 'diferença', não de maneira isolada; mas sim no contexto do consumismo do modo de produção capitalista (neoliberal) em que estamos imersos e de que somos partícipes. Como esta palavra é tomada?

Com atenção e persistência, é possível perceber uma ressignificação interessada, bastante útil ao sistema. Deparamo-nos com um sentido confortável o suficiente para não solapar os sujeitos da área de conforto, não confrontar, nem (ironicamente) fazer adoecer, enfim, uma palavra cuja dobra acaba por indicar o seu contrário. Uma palavra – diferença – cujo sentido aponta não ao diverso, como esperado, mas ao 'mesmo'; algo que, em nível imunológico, não provocaria rejeições porque na verdade anularia o diferente. Dito de outra forma, uma apropriação interessada do 'estranho' que seria nada mais nada menos do que o mesmo duplicado.

Han completa o raciocínio: com esta distorção, “a estranheza se neutraliza numa fórmula de consumo. O estranho cede lugar ao *exótico*” (HAN, 2017, p. 11. Grifos nossos). Eis um resultado do fundamentalismo de mercado que conforma nossos pensares e práticas. Não é à toa que, dentre as propagandas mais inteligentes, humanitárias e poéticas, estão as de Banco. E cada vez mais a dinâmica da sociedade tem um cunho mercadológico sob o rótulo de coletividade solidária. Inclusive agora.

É mais que urgente ler a dobra da palavra. Palavra movida pelo pensar e removida pelo capitalizar. Palavra atravessada pelos interesses do sistema. Só assim é possível entrever o espírito solidário dentro do egoísmo cunhado como solidário, desmembrar o individualismo da rubrica *coletivo* e escancarar o autoritarismo que se anuncia como regime democrático.

3 A DOBRA DA PALAVRA: CUM TANGERE/CONTACTUS

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. (BENJAMIN, 1994, p. 198)

Vês-me, já me vês. A mulher do médico perguntou, E eles, e o médico disse, Este, provavelmente, estar curado quando acordar, com os outros não ser diferente, o mais certo é que estejam agora mesmo a recuperar a vista, quem vai apanhar um susto, coitado, é o nosso homem da venda preta, Porquê, Por causa da catarata, depois de todo o tempo que passou desde que o examinei, deve estar como uma nuvem opaca, Vai ficar cego, Não, logo que a vida estiver normalizada, que tudo comece a funcionar, opero-o, ser uma questão de semanas, Por que foi que cegámos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, Cegos que, vendo, não veem. (SARAMAGO, s.d., p. 183)

Em várias entrevistas Saramago reiterou o quanto sofreu para escrever *Ensaio sobre a cegueira*, livro a que chamou brutal, violento, uma das experiências mais dolorosas de sua vida, com trezentas páginas de constante aflição.

(Diversamente das descrições de cegueira que a identificam ao escuro, à ausência de luz, esta é uma cegueira branca, como um mar de leite, e jamais conhecida, que se alastra numa velocidade absurda de contágio, em forma de epidemia. Epidemia que submete todos os infectados ao mesmo quadro infeccioso ou viral. É quando o governo decide agir e as pessoas contaminadas são postas em quarentena com poucos recursos que vão trazendo gradativamente à tona as tendências primitivas do ser humano. Nesta quarentena os sentimentos vão

despontar em diversos graus e modalidades: a competitividade se acirra, o egoísmo se apresenta e se manifestam lutas entre grupos pela pouca comida disponibilizada, laivos de compaixão por doentes e economicamente desfavorecidos, desconcertos, violência, abuso sexual, mortes. Pela ordem do contágio e experiência do excesso – sintomas, reações, ações, todo o conjunto é pautado pela exacerbação. A obra termina quando o mundo cego dá lugar à barbárie deste outro/mesmo mundo.)

Chegando ao entendimento de que a positivação quase histórica do diferente o coagula em imagem (auto)especular renunciando a experiência da cegueira, trago à cena Jean Baudrillard, em seu fascinante e polêmico *Assassinato do real* (2001). Para o badalado filósofo francês, o real morreu não por falta, mas porque há realidade demais e o excesso (de informação) provoca não a retenção dos dados transmitidos, mas o seu apagamento. Por isso dissemos que, via Byung-Chul Han, esta avalanche de imagens diante do ver poder estar em cegueira.

Explicando por que incluí Baudrillard no debate, lembro que, em 2007, mobilizada pelo primeiro filme da trilogia *Matrix*¹ (1999), pelas reflexões de Slavoj Žižek (2003, p. 19) sobre este filme das irmãs Wachowski e o atentado de 11 de setembro, pensei (RIBAS, 2007) muito a respeito de *lapassion du Réel*: ‘Real’ em sua violência extrema como preço a ser pago pela retirada das camadas enganadoras da própria realidade. Esta paixão do real se mostra no desejo de ver cada vez mais e mais perto o objeto desejado e, justamente nesse ponto extremo de observação ocorreria uma mudança bem sinalizada pelo filósofo esloveno: “Quando se chega muito próximo do objeto desejado, as fantasias transformam-se em repugnância diante do Real da carne exposta” (ŽIZEK, 2003, p. 20).

Em graus diversos, os três filósofos de países com histórias tão diversas – França, Eslovênia e Coreia – apontam os efeitos aniquiladores do excesso, da exacerbação, da extremada positividade como problema.

Ora, sabe-se que o conceito de real implica em uma origem, um fim, um passado e um futuro, ou seja, uma cadeia linear de causas e efeitos. Ocorre que na contemporaneidade cada vez mais esta configuração objetiva do discurso desaparece e o deslocamento da referida constelação – origem, meio, fim –,

¹ THE MATRIX. Direção: Lana Wachowsky e Lilly Wachowsky. Roteiro e produção: Joel Silver. Austrália/EUA: DTS (Digital DTS Sound), 1999. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0133093/>. Acesso em: 2 mar. 2020.

extensivo à relação de causalidade entre os eixos, levaria ao que Baudrillard genericamente chamou 'o assassinato do real'. O real em dimensão *hiper* representaria não a sua afirmação pela continuidade, mas o seu incontrolável rompimento.

Assim, em diálogo com os demais, Baudrillard formula uma argumentação em que o conceito (de real) se anula pelo excesso, não pela carência. À maneira de Han quando sinaliza a conexão corpo biológico/meio social, o filósofo francês articula interação comunicacional a corpo biológico. Dos exemplos que apresenta, lê-se esta dupla dimensão: seja do ponto de vista da informação – cujo excesso provoca não retenção, mas apagamento –, seja da doença instaurada no corpo.

Vejamos:

Uma célula é programada para se dividir certo número de vezes e depois morrer. Se, no curso desta divisão, acontecer algo que interfira no processo – por exemplo, uma alteração no gene que previne tumores, ou nos mecanismos que regulam a apoptose celular – então a célula torna-se cancerosa. Ela se esquece de morrer /.../. Ela continua a se clonar indefinidamente, produzindo milhares de cópias idênticas a si mesma, formando assim um tumor. (BAUDRILLARD, 200, p. 12-3).

O entendimento do câncer como agrupamento excessivo e desordenado de células que se esquecem de morrer, ou seja, excedem o tempo regulamentar, assemelha-se à oferta de informações cujo excesso provoca apagamento. Ambos os exemplos são descrições – no corpo biológico e no âmbito comunicacional–cujo *princípio* é a positividade. Uma exacerbação do mesmo sob rubrica do diferente.

Então, fica esclarecida a proliferação da doença pelo excesso de positividade do estranho, porque de fato esse estranho não é o outro, mas sim uma hábil duplicação do mesmo – vista como 'exótico' - e 'como se' fosse a experiência (positiva) da alteridade. Neste intricado modelo tecido nas raias do consumismo em padrões neoliberais, a massificação da positividade frente ao áter corresponde justamente à sua negativização e, como tal, provoca o adoecimento do corpo e da sociedade. “A violência não provém apenas da negativização, mas também da positividade, não apenas do outro ou do estranho, mas também do igual.” (HAN, 2017, p. 15). E, claro, o igual não implica formação de anticorpos. “[...] Num sistema dominado pelo igual não faz sentido fortalecer os mecanismos de defesa.” (HAN, 2017, p. 16).

Na contemporaneidade, chegamos a um momento em que a conexão em tempo real nos deixa em 'contato' pleno e integral com o que chamamos de outro, onde quer que estejamos. Será mesmo? Recorrendo à via etimológica da palavra contato, em sua acepção latina, vem de *contactuse* refere-se a uma situação em que dois ou mais corpos se tocam; indica, também, uma relação de proximidade ou influência. Ocorre que a positividade do contato diz respeito à sua exacerbação, a qual representa a ordem do contágio. Por sua vez, a palavra 'contágio', etimologicamente, vem do latim *cum tangere*, que remete à transmissão de uma enfermidade de um indivíduo a outro; *cum* alude à ideia de 'junto', de alcance global; o verbo *tango*, *tangere* significa 'tocar', 'apalpar', 'agarrar'. Ambas as acepções - contato e contágio - se entrelaçam, a partir do momento em que ocorre o excesso do mesmo, duplicado à máxima potência; com a aniquilação do outro, do diferente, então não é acessado o mecanismo imunológico, já que não há ataque de um estranho em potencial a defender. E, neste enquadre, trata-se de uma perversidade confortável a partir do momento que o outro surge como emblema, embora na verdade permaneça invisível, sequer sendo visto por um eu que se furta de olhar o diferente do padrão. Arrisco chamar de 'alteridade auto-centrada' e a propalada diferença como 'jogo de máscara languageira', tomando a expressão de Barthes (2007, p. 14).

À cena da leitura, trazemos a *Metamorfose* (1915), de Franz Kafka (1975), quando o caixeiro-viajante Gregor Samsa tem forte estranhamento mediante a experiência do próprio corpo subitamente transformado à sua revelia. Para Walter Benjamin, "O mundo de Kafka é um teatro do mundo. Para ele, o homem está desde o início no palco." (BENJAMIN, 1994, p. 150).

Um trecho de *A metamorfose*:

Numa manhã, ao despertar de sonhos inquietantes, Gregor Samsa deu por si na cama transformado num gigantesco inseto. Estava deitado sobre o dorso, tão duro que parecia revestido de metal, e, ao levantar um pouco a cabeça, divisou o arredondado ventre castanho dividido em duros segmentos arqueados, sobre o qual a colcha dificilmente mantinha a posição e estava a ponto de escorregar. Comparadas com o resto do corpo, as inúmeras pernas, que eram miseravelmente finas, agitavam-se desesperadamente diante de seus olhos. Que me aconteceu? - Pensou. Não era um sonho. O quarto, um vulgar quarto humano, apenas bastante acanhado, ali estava, como de costume, entre as quatro paredes que lhe eram familiares. (KAFKA, 1975, p. 10)

(De maneira inesperada, o outro se insinua na própria forma corpórea do personagem humano. Como ele não consegue se ver, a desfamiliarização é percebida pelo personagem em comparação com os objetos familiares e o seu quarto, que são o mesmo de sempre. Inclusive Samsa fica no isolamento entre as quatro paredes da sua rotina. Deste cotejo com o semelhante ele se percebe diferente, deformado e, como tal, indesejável, um estranho no ninho, exilado no próprio espaço. Não há contágio, mas gradativa aniquilação. Apesar de ter se tornado monstruoso, ele tem em si agonia e surpreendente delicadeza. Kafka apresenta uma hibridização literal dentro da metáfora; metamorfose que congrega condensação e deslocamento e, sem apresentar motivação, sem oferecer ao leitor o processo que teria levado a sua culminação, faz com que o entendimento – construído paulatinamente na leitura – tenha alcance estético, político, humano. Tal leitura vai sendo constituída na reação dos outros, familiares e conhecidos, diante da visão terrificante. E mais uma vez a proximidade exacerbada do ver provoca repulsa. O reconhecimento não é possível – nem pela parte dos familiares, nem do próprio, que vive imerso em total sofrimento físico e moral. Os familiares, com exceção da irmã, vão se preocupar bem menos com a inexplicável ‘doença’ de Samsa e mais com a perda do sustento da casa e a vergonha da aparência horripilante do jovem. Samsa era arrimo de família e, transformado num inseto gigantesco e disforme, não tem mais como apoiar ninguém, nem a si próprio. Ele não tem contato, não contagia, mas sua deformidade e seu sofrimento atroz é a expressão de tudo o que os outros não conseguem enxergar nem sentir. Imagem que não tolera ser olhada, quase Medusa, não tem o poder de cegar porque os entes que o cercam, de tão autocentrados, já estão cegos.)

Então, na propalada tensão palavra/ imagem, visão/cegueira, afirmamos a importância de trazer a revalorização da experiência como alternativa de contato *em presença* (GUMBRECHT, 2010), experiência que traz à cena da leitura a força do significante que abstrai o significado e desliza da hermenêutica. E a Literatura é também a experiência de estarmos mais próximos de possibilidades e limites que vão nos (re)constituindo a nós mesmos face aos outros, revitalizando a potência dos significantes para além de condicionamentos prévios.

4 CONSIDERAÇÕES SEMIFINAIS

O 'normal' a que ansiamos voltar não é 'normal'.

(WAHL, 2020)

É difícil estar no mundo. Esta sensação de vertigem anunciada, em nossa epígrafe, pela artista plástica Camille Paglia (2014), não se refere a somente um ou outro indivíduo nesta ou naquela área, mas tem sacudido freneticamente o ser humano.

Na passagem para o século 21, os abalos conceituais provocados em cadeia, à maneira de fissão nuclear, sejam por teorias científicas, sejam por experiências artísticas, avanços tecnológicos ou forças sociais, estendem-se ao nosso lugar de sujeito, observador, à rede perceptiva que nos constitui e à relação entre nossos pensamentos, atitudes e possíveis efeitos no mundo em que vivemos; além disso, os mais recentes padrões mentais e de comportamento consideram o fio entre o acaso e a necessidade, entre a obediência passiva e uma ação revolucionária. Ao mesmo tempo, enquanto elemento da trama perceptiva nessa rede e entendido como categoria de interpretação de si e do entorno, *o olhar* vai sendo reconstruído para além dos olhos. Nesta perspectiva, a leitura é experiencial e sinestésica e propõe 'desantolhar' a nossa visão de leitor, qual seja. Saudável vivência de atravessar paredes em tempos de confinamento.

Ler: ato regido pelo princípio da suspeição, estimula derrubar algumas pontes e construir outras entre abismos e fendas ditas incomensuráveis. É atravessá-las, deixá-las ranger na passagem. Arriscar passos. Entre padrões de pensamento, entre mídias, entre artes, entre culturas, entre áreas, entre continentes, entre povos.

Na experiência da leitura partilhada, esperamos ter de fato oferecido, neste estudo, a possibilidade de articulação entre: os exemplos literários brevemente transcritos (Guimarães Rosa, Machado de Assis, Franz Kafka e José Saramago), o entrelace da questão filosófica apresentada (Byung-Chul Han, Jean Baudrillard e Slavoj Žižek) e as angústias experienciadas neste momento de pandemia de COVID-19 por todos no planeta.

Neste trabalho, esta é a ponte tridimensional que o leitor pode construir, ao formular os nexos entre texto literário, reflexão filosófica e experiência humana 'em

tempo real'. Sentimos como se cada trecho, trazido à cena da discussão pela memória associativa, tangesse um acorde de sensibilidades entre vida vivida e vida literária – enlace que a literatura como experiência (estética) promove.

Como, certamente, nossos leitores puderam perceber no texto, seguiu-se, a cada um dos fragmentos, uma leitura entre parênteses, destacada do desenvolvimento do texto, como se fosse uma voz em *off* sem muitas explicações ou uma espécie de *link* não digital. Nestes recortes – pequenas dobras da página – o leitor foi convidado a traçar conexões da literatura com a experiência social do momento, em função da curiosa afinidade dos trechos escolhidos com a vivência atual da pandemia e da quarentena. Tal conexão, porém, não é explícita nem anunciada, para que o leitor a formule se esta for a sua escolha. Ele pode, inclusive, desfazê-la. Esta é, aqui, uma das ofertas de livre interação da página inscrita. Neste desenho, a sobreposição da cena literária com a social não implica em encaixe perfeito. Estão previstos sombreados, silêncios, similitudes e até assombros, como os de Itaguaí.

O primeiro provável assombro na leitura pode ter ocorrido quando sinalizamos a urgência de ler a dobra da palavra 'diferença'. Falamos da tendência do século 21 para a aceitação da diferença e a desconcertante ressalva: que o consumismo em padrões neoliberais *redes configura* os discursos em circulação e, dentre outras estratégias, formula o sentido inverso da palavra 'diferença', que acaba por significar o seu contrário, anulando o que anuncia valorizar, ou seja, o estranho, a alteridade.

Entendemos, quando Byung-Chul Han anuncia que o século 21 não é o tempo das pandemias bacteriológicas e virais, que a sinalização pode ser outra e a negação pode estar nos acordando para afirmar o seu oposto. A partir do momento em que o 'diferente' nada mais é do que o 'mesmo' ressignificado e aceito pelas leis massivas do consumismo, a substituição da época viral pela neuronal pode estar representando não a sua negativização, mas a sua permanência pelo teor de positividade do contato/contágio de cada um com o pseudo-outro, ou seja, consigo mesmo. Não há defesa no contato com o outro, porque esse outro foi neutralizado. Continua existindo, porém, em sua presença invisível. Eis o contágio.

Seguindo a trilha, o provável segundo assombro foi quando afirmei que cada vez mais a dinâmica da sociedade tem um cunho mercadológico sob rótulo de coletividade solidária. Não se trata de ceticismo ou descrença na solidariedade

social, mas sim um posicionamento crítico que atravessa a dobra da palavra. Estamos chamando atenção às nossas práticas discursivas habituais mais automáticas, mais repetitivas; ao compartilhamento de mensagens pouco criteriosas que nos ‘avassalam’ pela rede; a procedimentos e ações solidárias incorporadas por interesses minoritários visando a auto projeção, marketing pessoal/empresarial ou lucro financeiro. Neste tipo de apropriação até os mais criativos desvios são reabsorvidos pelas leis do consumo como se continuassem com seu caráter desviante. Nesse embate a literatura continua sendo, nas inesquecíveis palavras de Roland Barthes (2007, p. 16), “Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura.”

O vasto arsenal de recursos discursivos, a potência significativa, a oferta de histórias humanas, a intimidade com as palavras, o reconhecimento da alteridade, o desenvolvimento da sensibilidade intelectual, o drible aos jogos de poder, o redimensionamento espaço-temporal, a produção de presença, o mergulho em mares nunca dantes navegados... E os modos de ver, ser, entender e explicar a dimensão humana do mundo com todas as suas reticências... Este imensurável conjunto faz parte da experiência literária anti-viral– saúde textualmente transmissível - que nos permite radiografar, amar, interferir, revolucionar o mundo e a nós mesmos. Eis as forças atuantes da Literatura compondo uma “sabedoria saborosa” (BARTHES, 2007, p. 94).

Do ponto de vista específico da composição textual, gostaríamos de acrescentar que o trágico cenário planetário do Covid-19 que ora vivemos atravessou nosso trabalho de maneira dolorosa durante o seu processo de elaboração. Fomos tocados pela tristeza e pelo assombro -nosso e do mundo. Na ‘sofrência’ da escritura, a situação de pandemia e isolamento social esteve presente em cada letra digitada, em cada espaço em branco. Foram momentos de energia criativa, interrompido por vários travamentos e agonia puerperal. Entre continuar e desistir, escolhemos a defesa das Humanidades e optamos por escre(vi)ver. Não nos aprofundamos na pandemia, mas sim na sua dimensão simbólica, nos efeitos produzidos em termos de padrão mental e comportamento social e as práticas discursivas decorrentes, em uma abordagem literária. Para tanto, o mais delicadamente possível oferecemos a experiência de uma leitura a que chamo

‘acolchoada’, para que, traço a traço, fosse possível convidar o leitor a ler em conjunto. Uma leitura experiencial e que, conforme esperamos, tenha sido mais amena do que os momentos de dureza vividos no planeta.

É importante reiterar, por fim, a prática a que os filósofos citados identificam à cegueira: o comportamento de repudiar, com veemência, tudo e todos que nos soam como estranho. Antes mesmo de saber o que o outro pode representar, teimamos em recusar e achar feio o que não é espelho. Esta prática umbilical, ao mesmo tempo em que nos liga à dimensão maternal – esfera do mesmo, da repetição, da manutenção, - nos impede a visão do álter, elimina a diversidade, congela a mudança. A ligação umbilical representa preservação da vida; mas também pode representar a morte prematura. A menos que seja cortado, o cordão nos amarra, nos sufoca, impede o contato com o outro e restamos autocentrados, presos à incapacidade de viver autonomamente e circunscritos a ideias pré-concebidas de nós mesmos. Mesmo com estas limitações que atravessam a experiência da leitura, ainda não nos demos conta: o cordão que nos alimenta pode nos enforcar. Insistimos, porém: não é saudável ignorar que a fronteira vida e morte se (nos)enreda de maneira ordinária. É importante perceber o quanto nosso modo de ler e entender a nós mesmos e ao mundo se alimenta de ameaças co-criadas. Aliás, parece que a experiência de viver, hoje, aguilhada pelo medo, aprecia estar permanentemente sob o fio da navalha. Deslizar do alvo, suspeitar da sua eficácia e desmontar armadilhas discursivas é tarefa vital porquanto desfaz o temor e desmonta a encenação de ataque – ora patética, ora perversa -a que tantas vezes somos submetidos.

Esperamos que, quando todo este sofrimento passar, encontremos a linha tênue entre o embrutecimento – que cria calos e deixa o corpo em aporia - e o aprendizado da experiência – que propicia a permeabilidade dos poros e nos mantém receptivos ao outro.

Precisamos dar, juntos, o pequeno grande passo das Humanidades – na terra - para experimentar respiros de união e liberdade em tempos de quarentena. Esperamos que o depois tão ansiado por todos não seja um retorno, mas um *turning point*.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, M. de. O Alienista. *In*: ASSIS, M. de. **Obra Completa**. Conto. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979. v. 2. p. 253-288.
- BARTHES, R. **Aula**. Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada em 7 de janeiro de 1977. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BAUDRILLARD, J. **A ilusão vital**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paul Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- CLÜVER, C. Inter textus / inter artes / inter media. **Aletria: Revista de estudos de literatura**, Belo Horizonte, n. 14, p. 11-41, jul./dez. 2006.
- DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- DIDI-HUBERMAN, G. **Atlas ou O Gaio saber inquieto**. O olho da história, III. Belo Horizonte: UFMG, 2018.
- DINIZ, T. F. N. (org.) **Intermedialidades e Estudos Interartes**: Desafios da arte contemporânea. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- GUMBRECHT, H. U. **Produção de Presença**. O que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2010.
- HAN, B. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed. ampl. Petrópolis: Vozes, 2017.
- KAFKA, F. **A Metamorfose**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- LOUVEL, L. Nuanças do pictural. *In*: DINIZ, T. F. N. (org.). **Intermedialidades e Estudos Interartes**: Desafios da arte contemporânea. Belo Horizonte: UFMG, 2012. p. 46-70.
- NASCIMENTO, E. **Derrida e a literatura**. Rio de Janeiro: Eduff, 1999.
- OLINTO, H. K.; SCHOLLHAMMER, K. E.; SIMONI, M. **Literatura e artes na crítica contemporânea**. Rio de Janeiro: EdPUC-Rio, 2016.
- OSTROWER, F. A construção do olhar. *In*: NOVAES, A. (org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 167- 215.

PAGLIA, C. Introdução. *In*: PAGLIA, C. **Imagens cintilantes**. Uma viagem através da arte desde o Egito a Star Wars. Tradução de Roberto Leal Ferreira. 1. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2014. p. VII-XIX.

REICHMANN, B. (org.). **Assim transitam os textos**: ensaios sobre Intermidialidade. Curitiba: Apris, 2016.

RIBAS, M. C. C. Dois manúéis e um bavcar: três ou mais olhares em torno dos novos realismos. **ALCEU**, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 55-69, jan./jun. 2007.

ROSA, J. G. A terceira margem do rio. *In*: ROSA, J. G. **Ficção completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 409-413. v. 2.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. [Rio de Janeiro]: [S. l.], [1995?]. Disponível em: https://rparquitectos.weebly.com/uploads/2/6/6/9/266950/jose_saramago_-_ensaio_sobre_a_cegueira.pdf. Acesso em: abr. 2020.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. Lisboa: Editorial Caminho, 1995.

SCHOLLHAMMER, K. E. **Além do visível**. O olhar da literatura. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

ULM, H. A fenda do tempo. *In*: MÜLLER, A.; SACAMPARINI, J. (org.). **Muito além da adaptação**: literatura, cinema e outras artes. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013. p. 101-114.

WAHL, D. C. **Regenerative Economies for Regenerative Cultures in a world changed by COVID-19**. [EUA]: Gaia Education Global Network (N.G.O.), 2020. Disponível em: <https://www.culturgest.pt/em/whaton/Daniel-christian-wahl-desenhar-culturas-regenerativas-streaming/> / <https://www.gaiaeducation.org/gaia-shop/e-books/>. Acesso em: 3 abr. 2020.

ZIZEK, S. **Bem-vindo ao deserto do real!** – cinco Ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas. São Paulo: Boitempo, 2003.

Sobre a autora**Maria Cristina Cardoso Ribas**

Doutora em Teoria Literária pela UFRJ (1997), Procientista (UERJ/Faperj) desde 2011 e Professora Associada em Letras, UERJ, na área de Literatura Brasileira, Literatura Comparada e Intermidialidades, área em que concluiu o Pós-Doutoramento pela UFF em 2018. Em 2020, assumiu a Coordenação adjunta do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da FFP/UERJ. É coordenadora do Acordo Internacional da UERJ com a Universidade da Georgia, em Athens, E.U.A., firmado em 2019. Orientadora de Mestrado, Doutorado e Iniciação Científica, possui capítulos de livros e artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais.